



A PANDEMIA E OS DESAFIOS DA CONCILIAÇÃO ENTRE MATERNIDADE E CIÊNCIA NO ISOLAMENTO SOCIAL

III Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência, 3ª edição, de 06/12/2021 a 10/12/2021
ISBN dos Anais: 978-65-81152-32-1

WALCZAK; Aline Teresinha ¹, SILVA; Fabiane Ferreira da ²

RESUMO

Como sujeitos sociais, aprendemos e reaprendemos constantemente, práticas e discursos pré-estabelecidos socialmente, que produzem e reproduzem determinadas representações de gênero na sociedade, e que são formulados e reformulados constantemente, de acordo com o período histórico vigente (OLIVEIRA; MAIO, 2016). Assim, aprendemos e naturalizamos determinados “modelos” de comportamentos, pensamentos e relações, referentes a questões centrais que organizam nossas interações sociais. Nessa perspectiva, por exemplo, os significados e as representações em torno da maternidade também foram sendo produzidos e reproduzidos de acordo com o contexto histórico social, sendo legitimados ou deslegitimados, confrontados e reformulados constantemente. Assim, o que determinará que uma representação de maternidade irá tornar-se mais verdadeira e medida de referência diante das outras, serão os mecanismos de legitimação produzidos em torno dela.

Dentre os mecanismos de legitimação de um determinado modelo de maternidade, destacamos os discursos científicos, religiosos e sociais, que buscavam e buscam corroborar, de diferentes maneiras, que a maternidade deve fazer parte da vida da mulher (MEYER, 2000), legitimando a representação social na qual a mulher é a principal responsável pelos cuidados das crianças. Os discursos e práticas patriarcais de nossa sociedade, respaldam também a construção e organização das representações de determinadas esferas sociais, como a ciência. Dessa forma, sendo a ciência resultado da construção humana, a mesma é apresentada e representada em torno de valores masculinos de produzir o conhecimento, reproduzindo assim em seu interior, as desigualdades de gênero. Nessa perspectiva, a forma androcêntrica como a ciência é produzida, bem como a sobrecarga sobre a mulher com relação a maternidade, pode dificultar a condução de sua carreira profissional, ou, em alguns casos, interfere em suas relações pessoais (OLINTO, 2011).

Com o início da pandemia, no ano de 2020, algumas medidas como o isolamento social se fizeram necessárias para frear a transmissão do vírus SARS-CoV-2, agente causador da COVID-19, fazendo com que grande parte das atividades científicas, como orientações, produção de pesquisas, preparo e ministração de aulas, passassem a ser realizadas de forma remota, misturando-se com as atividades domésticas. Essa realidade do trabalho remoto, causou o aprofundamento das desigualdades de gênero relacionadas à divisão sexual do trabalho, e consequentemente, ocasionou um desgaste maior às pesquisadoras mães, na perspectiva de que as mulheres, em sua grande maioria, ainda assumem a responsabilidade e a maior parte das tarefas domésticas e de cuidado (WOLFF et al., 2020). Entretanto, precisamos destacar que a pandemia não foi o elemento fundador da problemática em torno da desigual divisão sexual do trabalho, que se constitui um problema histórico social, mas sim, acentuou e escancarou os desafios impostos a muitas mulheres mães no que diz respeito a desigual e majoritária responsabilização dos cuidados da casa e das(os) filhas(os) (OLIVEIRA, 2020).

¹ Universidade Federal de Santa Maria - Santa Maria/Rio Grande do Sul/Brasil, alinewalczak@gmail.com

² Universidade Federal do Pampa - Uruguaiana/Rio Grande do Sul/Brasil, fabianeunipampa@gmail.com

Desse modo, o presente resumo expandido, fruto dos resultados de uma pesquisa de mestrado, tem como objetivo discorrer sobre a forma como a pandemia afetou a carreira das cientistas mães docentes da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Nessa perspectiva, destacamos que algumas inquietações e problemáticas relacionadas a sobrecarga física e mental das mulheres cientistas mães, fruto da divisão sexual do trabalho, da majoritária responsabilização em torno dos cuidados das crianças e do androcêntrico científico, serão refletidas.

METODOLOGIA:

De natureza qualitativa exploratória (GIL, 2002), ancorada nos Estudos Culturais e Estudos de Gênero, na perspectiva pós-estruturalista, a escrita do presente resumo expandido é proveniente de parte dos resultados uma pesquisa de mestrado, que teve como seu objetivo central problematizar a relação entre maternidade e ciência na Universidade Federal do Pampa. A pesquisa, que teve aprovação no Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), da Universidade Federal do Pampa, sob o número CAAE: 32895720.0.0000.5323, foi realizada com a utilização de questionário on-line como estratégia de produção de dados. O questionário em questão foi produzido utilizando a ferramenta Google Forms e, posteriormente, enviado na forma de link para o e-mail institucional de cada docente, constando uma breve apresentação da pesquisa, bem como seu objetivo e o link de acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) no formato digital e ao questionário, também em formato digital.

As perguntas que fizeram parte do questionário e que em parte, serão discutidas no presente resumo, objetivaram primeiramente traçar um perfil das docentes da Unipampa, com questões como a cor ou raça (segundo o IBGE); a idade; o nível de formação (especialização, mestrado, doutorado ou pós-doutorado); atuação ou não na pós-graduação; se são bolsistas produtividade e líderes de pesquisa, bem como a área de atuação de cada uma. Além disso, o questionário abrangeu questões ligadas à ciência, à carreira científica e à maternidade, tendo uma seção exclusiva pertinente à conciliação da carreira científica e a maternidade em contexto pandêmico, que será o foco de discussão no presente trabalho.

O questionário foi enviado para 440 docentes, que representa o número total de docentes mulheres nos 10 campi da Unipampa, ficando aberto por um período de 30 dias, obtendo 89 devolutivas. Os dados foram sendo recebidos e armazenados no Google Forms, conforme as interlocutoras foram respondendo e finalizando o envio dos questionários, gerando com isso, após o período de coleta, uma planilha com dados de cada interlocutora, juntamente com um número de identificação para cada questionário.

DISCUSSÃO:

A desigual responsabilização pelo trabalho na vida privada, embora acentuada na pandemia, é uma problemática histórica, na qual as mulheres acabam muitas vezes, cumprindo mais de uma jornada de trabalho para além do trabalho formal, como as atividades domésticas e o cuidados das(os) filhas(os), acumulando funções tanto na esfera pública quanto na privada (DYNIEWICZ; RIBEIRO, 2020). A ciência, tendo caráter androcêntrico no que diz respeito as exigências em torno do que é ser cientista e construir conhecimento, impondo por exemplo, a dedicação exclusiva e em tempo integral para lecionar, fazer pesquisas, orientações, ir em eventos científicos, entre outras questões, não abrange as particularidades da realidade de muitas mulheres cientistas que vivenciam a maternidade. Como resultado desse contexto histórico, a prática científica pode dificultar e/ou restringir a participação feminina.

Além das imposições sobre o que é ser um cientista e como se deve fazer ciência, existe uma contínua reprodução de discursos que enfatizam quais as atitudes, condutas e sentimentos que formam uma boa mãe, o que revela ainda a falta de compreensão social sobre todos os fatores que estão implicados na maternidade (STEVENS, 2007). Dessa forma, a partir das imposições sobre o que é ser um(uma) cientista, em concomitante, às imposições sobre o que é ser uma boa mãe, podemos dizer que o contexto social e científico exige que as mulheres construam suas carreiras profissionais como se não fossem mães, e sejam mães como se não tivessem suas carreiras profissionais.

Com relação ao perfil das docentes participantes da pesquisa, 94% se autodeclararam brancas; 5%

¹ Universidade Federal de Santa Maria - Santa Maria/Rio Grande do Sul/Brasil, alinewalczak@gmail.com

² Universidade Federal do Pampa - Uruguaiãna/Rio Grande do Sul/Brasil, fabianeunipampa@gmail.com

pardas e 1% pretas. Correlacionamos esses dados com os microdados divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (BRASIL, 2017b), que demonstram que apenas 16% do total de professoras(es) do ensino superior se autodeclararam negras(os). Esses resultados nos levam a refletir sobre a ainda acentuada desigualdade racial presente no quadro docente do ensino superior, sendo essa realidade reflexo do racismo que ainda permeia a sociedade brasileira, bem como a resistência da ciência em romper com as desigualdades presentes em seu meio (SOARES; SILVA, 2019).

Ainda, outros dados utilizados para traçar o perfil das docentes diz respeito a idade e ao nível de formação das docentes participantes, na qual a maior parte das interlocutoras tem idade entre 35 e 45 anos (53%), seguido de 25 e 35 anos (22%), 45 e 55 anos (17%) e 55 anos ou mais (8%). Com relação ao nível de formação e atuação das docentes, 10,6% das participantes possuem mestrado, 76,5% possuem doutorado e 12,9% possuem pós-doutorado, sendo que 46,5% atuam na pós-graduação e 53,5% não atuam. Ainda, o maior número de docentes faz parte da área de Ciências Biológicas (26,7%), seguido de Ciências Sociais Aplicadas (17,4%), Ciências da Saúde (15,1%), Ciências Humanas (14%), Ciências Exatas e da Terra (14%), Ciências Agrárias (11,6%) e, por fim, o em menor número, Engenharias (7%).

Com relação aos dados correspondentes ao impacto da pandemia na vida das docentes mães, sublinhamos que grande parte das docentes participantes da pesquisa relatou que a tarefa de conciliar as demandas do ensino remoto com a maternidade constitui-se desafiadora e difícil. Ainda, as participantes relataram o sentimento de sobrecarga diante da do desafio imposto a elas em conciliar as demandas da maternidade e do trabalho remoto, acentuando como consequência, a dupla ou tripla jornadas de trabalho desempenhada, precisando fazer turnos extras na parte noturna e nos finais de semana para “compensar” o tempo distribuído com os cuidados da casa e das(os) filhas(os).

Ainda, foi possível observar o impacto dessa sobrecarga na saúde mental das mulheres participantes, que relataram se sentir cansadas, ansiosas, aflitas e em alguns casos, adoecidas diante da sensação de precisar e, ao mesmo tempo, não conseguir dar conta de tudo. Algumas participantes também relataram sentimentos como frustração e angústia, sendo provenientes do cansaço tanto físico quanto mental, e da impossibilidade de corresponder com todas as demandas impostas, gerando assim a sensação de estar falhando como mãe, profissional, mulher e dona de casa. Essa sobrecarga das mulheres, que não se restringe somente ao contexto pandêmico, é resultado do contexto patriarcal de nossa sociedade, que foi institucionalizado e naturalizado historicamente, refletindo tanto na estrutura e organização social, quanto nas relações entre homens e mulheres, diferenciando as expectativas e responsabilidades estabelecidos sobre os sujeitos femininos e masculinos no que se refere aos cuidados da casa e com as(os) filhas(os).

Com relação a essa diferença das responsabilidades do cuidado entre homens e mulheres, destacamos que de acordo com os dados produzidos, grande parte das participantes da pesquisa possuem uma rede de apoio familiar, principalmente o companheiro, contudo, percebemos que, em alguns casos, essa divisão das tarefas domésticas e do cuidado pode ser realizada de forma desigual. Essa sobrecarga das mulheres, demonstra a necessidade de haver uma revisão e redefinição dos “papéis” de homens e mulheres no cuidado com as(os) filhas(os). Para isso, destacamos a importância de fazermos, inicialmente, a desnaturalização dos discursos sociais que enfatizam por exemplo, que a mulher deve ser majoritariamente responsável pelas tarefas de cuidado, sob a “justificativa” da mesma nascer com uma “pré-disposição” para o mesmo.

Apesar dos avanços conquistados até então, como a presença mais expressiva das mulheres na ciência, o contexto científico não reconhece e acolhe as particularidades das mulheres, como por exemplo, a problemática social da divisão sexual do trabalho, bem como as imbricações em torno de experienciar a maternidade, que de alguma forma, afetam a dinâmica do trabalho acadêmico (OLINTO, 2011). Investigar a realidade das mulheres cientistas na pandemia, nos leva a refletir sobre a problemática histórica da desigual responsabilização do trabalho entre homens e mulheres, sendo a mesma parte estruturante de nossa sociedade, estando assim, presente no cotidiano das mulheres. É necessário ainda, que o contexto científico reconheça as particularidades das mulheres, admitindo e acolhendo a realidade de que a maternidade faz parte da vida de muitas cientistas e que de alguma forma ela impacta, por pelo menos um determinado período, a

¹ Universidade Federal de Santa Maria - Santa Maria/Rio Grande do Sul/Brasil, alinewalczak@gmail.com

² Universidade Federal do Pampa - Uruguaiana/Rio Grande do Sul/Brasil, fabianeunipampa@gmail.com

CONCLUSÃO:

Com o isolamento social, a problemática pertinente a divisão sexual do trabalho e a dupla jornada impostas às mulheres ganhou destaque, especialmente com relação as mulheres cientistas mães, que, cercadas por um contexto totalmente androcêntrico de produzir o conhecimento e de serem reconhecidas como cientistas, se veem diante da dificuldade e sobrecarga em conciliar o trabalho remoto com as demandas domésticas e da maternidade. Assim, o cenário pandêmico acentuou e evidenciou as desigualdades de gênero em diversos aspectos sociais e institucionais, possibilitando a discussão sobre a desigualdade de gênero que constitui o campo científico, bem como a problemática pertinente a sobrecarga as mulheres em jornadas duplas ou triplas de trabalho.

Com relação à pesquisa realizada, observamos que a pandemia impactou de alguma forma atividades profissionais das participantes, principalmente com relação a sobrecarga de trabalho sentida no isolamento social, que se intensifica sem uma rede de apoio. Ainda, foi possível observar que o isolamento social acentuou a problemática da divisão sexual do trabalho, no qual as participantes relataram ser as principais responsáveis pelas tarefas domésticas e de cuidado das(os) filhas(os). Destacamos como esse cenário de sobrecarga impactou a saúde mental de algumas participantes, que relataram uma série de sentimentos como ansiedade, angústia, aflição diante da sensação de incapacidade de cumprir com as inúmeras demandas de atividades relacionadas tanto a carreira, quanto aos cuidados com a vida privada.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Censo da Educação Superior 2017**. Setembro 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/setembro-2018-pdf/97041-apresentac-a-o-censo-superior-ultimo/file>>. Acesso: 05 mar. 2021.

DYNIEWICZ, Letícia.; RIBEIRO, Raphaela Rocha. Igualdade em Sandra Fredman: análise de caso do edital de iniciação científica da Universidade Federal Fluminense. **Revista de Direitos Humanos e Desenvolvimento Social**, Campinas, v.1, p. 1-17, 2020. Disponível em:

<<https://seer.sis.puccampinas.edu.br/seer/index.php/direitoshumanos/article/view/5149>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. As amas como constituintes da maternidade: uma história do passado? **Educação e Realidade**, v. 25, n. 2, p. 117-133, jul./dez. 2000. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/46838>>. Acesso em: 24 set. 2019.

OLIVEIRA, Anita Loureiro de. A espacialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia de covid-19. **Tamoios**, n. 1, p. 154-166, mai. 2020. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/50448>>. Acesso em: 17 fev. 2021.

OLINTO, Gilda. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Social**, v. 5 n. 1, p. 68-77, jul./dez. 2011. Disponível em:

<<http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1667>>. Acesso em: 13 mar. 2021.

OLIVEIRA, Márcio de.; MAIO, Eliane Rose. “Você tentou fechar as pernas? ” – a cultura machista impregnada nas práticas sociais. **Polêmica**, Rio de Janeiro, v. 16, n.3, p. 01-18, jul./set. 2016. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/25199>>. Acesso em: 26 mar. 2021.

SOARES, Cristiane Barbosa; SILVA, Fabiane Ferreira da. Raça e Gênero no corpo docente da Universidade Federal do Pampa. **Cadernos de gênero e diversidade**, v. 5, n. 3, jul./set., 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/22275>>. Acesso em: 14 fev. 2020.

¹ Universidade Federal de Santa Maria - Santa Maria/Rio Grande do Sul/Brasil, alinewalczak@gmail.com

² Universidade Federal do Pampa - Uruguaiana/Rio Grande do Sul/Brasil, fabianeunipampa@gmail.com

STEVENS, Cristina. Maternidade e feminismo: diálogos na Literatura Contemporânea. In: STEVES, Cristina (Org.). **Maternidade e Feminismo: Diálogos Interdisciplinares**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2006. p.15-78.

WOLFF, Cristina Scheibe; MINELLA, Luzinete Simões; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. Pandemia na necroeconomia neoliberal. **Estudos Feministas**, v. 28, n. 2, p. 1-7, jun. 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2020000200100&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 mar. 2021.

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia, Mulheres cientistas, Maternidade